

INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO

DIRECTOR
OSCAR ARZE QUINTANILLA

REPRESENTANTES DE LOS PAISES MIEMBROS:

CONSEJO DIRECTIVO

México, Presidente: Miguel Limón Rojas
(Delegado Alterno: Cándido V. Coheto Martínez)

El Salvador, Vicepresidente: Sigfrido Antonio Munes Cruz

Argentina, Delegado Titular: Roberto Jorge Tomasini
(Delegado Alterno: Rodolfo A. Cerviño)

Bolivia: Germán Quiroga Galdó

Brasil: José Guilherme Merquior
(Delegado Alterno: Carlos Alberto López Asfora)

Colombia: Eugenia Paredes García

Costa Rica: Julián Zamora D.

(Delegado Alterno: Luis León Páez Ross)

Chile: Javier Illanes

Ecuador: Orlando Gabela

Estados Unidos, Delegado Titular: Ross Owen Swimmer

(Delegados Alternos: Donald Stewart y Michael Zak)

Guatemala: Julio César Méndez Montenegro

Honduras: Ajax Zúñiga Tellería

Nicaragua: Edmundo Jarquín Calderón

Panamá: Emilia Arosemena Vallarino

Paraguay: Raúl Gómez Núñez

Perú: Jorge Raygada

Venezuela: Germán Carrera Damas

OBSERVADORES

Canadá: Guilles Gingras

España: Angel O'Dogherty

COMITE EJECUTIVO

Argentina, Presidente: Roberto Jorge Tomasini

(Delegado Alterno: Rodolfo A. Cerviño)

Bolivia: Germán Quiroga Galdó

Brasil: José Guilherme Merquior

(Delegado Alterno: Carlos Alberto López Asfora)

Estados Unidos, Delegado Titular: Ross Owen Swimmer

(Delegados Alternos: Donald Stewart y Michael Zak)

México: Miguel Limón Rojas

(Delegado Alterno: Cándido V. Coheto Martínez)

EL INSTITUTO INDIGENISTA INTER-AMERICANO, establecido por el Primer Congreso Indigenista Interamericano (1940), tiene su base legal en una Convención y está financiado mediante cuotas de los Gobiernos ratificantes. El Instituto intercambia y difunde información y métodos que contribuyan a un mayor conocimiento y mejora de las condiciones de vida de los indígenas, y coordina estudios encaminados a la realización de tales propósitos.

THE INTER-AMERICAN INDIAN INSTITUTE, established by the First Inter-American Indian Congress (1940), has its legal basis in an International Convention and is supported by quotas from ratifying governments. The IAI exchanges and provides information to contribute to a broader understanding of indigenous populations of the Americas and to improve their standard of living, it also coordinates and promotes scientific research consistent with its institutional aims.

AMERICA INDIGENA

Publicación trimestral para fomentar el intercambio de informaciones acerca de la vida indígena actual y de la política y programas que se están desarrollando en su favor. EL ANUARIO INDIGENISTA, que aparece en el mes de diciembre, es suplemento de la Revista, y en él se publican noticias e informes sobre los proyectos de desarrollo de comunidades indígenas en América.

Is a quarterly publication designed to foster the exchange of information on the life of Indians today and the policies and programs being developed on their behalf. The ANUARIO INDIGENISTA is the yearbook of this journal that appears in December, containing news and reports of projects of Indian community development in the Americas.

RECIBIDO 1 / MAR 1987

A512

3/CM
K. Uino

AMÉRICA INDÍGENA

AÑO XLVII
NUM. 3

VOLUMEN XLVII
JULIO-SEPTIEMBRE, 1987



INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO
INSURGENTES SUR No. 1690
COLONIA FLORIDA
MEXICO 01030, D.F.

ACCIONES EDUCATIVAS PARA LA REVITALIZACION LINGUISTICA

Guillermo García Segura y Zinia Zúñiga Muñoz*



Introducción

Costa Rica se encuentra ubicada en Centro América, entre Nicaragua y Panamá. La población actual es de 2.500.000 habitantes, considerando 1% de su población como indígena. Existen seis lenguas indígenas, de las cuales la boruca y la térraba están prácticamente extinguiéndose, la bribri, cabécar, malecu, guaymí y bocotá se encuentran en proceso acelerado de extinción y de la huetar y chorotega no existe ningún rasgo. Todas las lenguas vigentes son derivadas del chibcha.

Las políticas educativas, institucionales y de las organizaciones propias de los pueblos indios, buscan restablecer, recuperar y desarrollar cada lengua, por lo que se realizan esfuerzos encaminados a la divulgación y adecuación curricular que estimulen este proceso.

La participación decidida de la comunidad indígena, de los maestros indígenas y del Ministerio de Educación Pública, así como de organismos

* GUILLERMO GARCIA SEGURA, ZINIA ZUÑIGA MUÑOZ. Asesoría Nacional de Educación Indígena (ANEIN), Ministerio de Educación Pública (MEP).

parou a primeira cartilha para a alfabetização de crianças e adultos: *No lang* (Nossa língua).

Depois seguiu-se uma série de cursinhos para grupos de moças, rapazes, senhoras e casais. Foi impressionante ver um rapaz ler e escrever kheuól, após 15 dias de aula, quando, aos 20 anos não tinha ainda conseguido aprender a leitura em português. Este fato dissipou o mito de que os índios tinham pouca capacidade para aprender. O processo ganhou credibilidade.

O resultado

Foi um período de intensa atividade e muito entusiasmo. Alguns traduziram orações e cantos para uso na igreja. Os jovens pediam os velhos que contassem as antigas histórias e as escreviam. Quem tinha aprendido a leitura e escrita na sua língua, ensinava aos outros em casa. Em pouco tempo praticamente toda a aldeia sabia ler na sua língua.

Ter controle deste processo, dominar a técnica da leitura e escrita, valorizar os cantos e histórias antigas, tudo isso gerou o orgulho de ser Karipuna, de ter sua língua, sua escola, suas histórias, seu culto. A comunidade de Espírito Santo, outrora a mais atrasada, passou a ser considerada "os verdadeiros" Karipuna, pois os das outras aldeias estavam perdendo a língua e abandonando os costumes. Este entusiasmo contagiou a área toda e serviu de estímulo e motivação às outras comunidades de Karipuna e de Galibi-Marworno que iniciaram processos semelhantes.

A continuação

O programa passou a concentrar-se nas crianças quando as comunidades exigiram que todas passassem pela escola kheuól antes de entrar na escola primária. Baseando-se na experiência de cada ano, os monitores, junto com o pessoal do CIMI, desenvolvem e melhoram o programa constantemente. Atualmente tem três fases básicas:

1. preparatória (coordenação motora, cor, direção, tamanho, formas...);
2. alfabetização em kheuól;
3. introdução do português como segunda língua, estudo comparativo, desenvolvimento de vocabulário oral em português.

Para realizar este trabalho ao longo dos anos, 15 monitores foram preparados e 10 ainda estão ensinando. Neste ano eles estão ensinando a um total de 235 alunos.

Os monitores, o pessoal do CIMI e alguns membros das comunidades juntos em mutirão, continuam preparando material didático para uso na escola como também livros para uso das comunidades. O último lançamento é um livro de cura pelas plantas, compilado pelas comunidades de Espírito Santo (Karipuna) e Kumarmã (Galibi-Marworno) que foi publicado pelo *Mensageiro* em kheuól e português e

irá a todo Brasil aos leitores do *Mensageiro*. Um dicionário kheuól-português está na fase final de preparação.

O processo continua dinâmico. Eliminamos um acento. Mudamos em palavra o que era prefixo. Acrescentamos um terceiro ano á escola bi-língue. Sempre tem novidades.

Mas uma coisa é certa, o kheuól está bem vivo entre os Karipuna. Até nas aldeias que haviam abandonado a língua, hoje ela é falada por todas as faixas etárias.

Preocupações e dificuldades

Passados os primeiros problemas e tendo conquistado a confiança e credibilidade da comunidade, ainda aparecem outras dificuldades:

- pouca estabilidade do pessoal do CIMI que não fica o tempo suficiente para aprender o kheuól;
- os monitores custam a dominar o processo e, depois, saem quando casam;
- necessidade de acompanhamento aos monitores também após sete anos;
- os monitores tem um senso bem crítico e os agentes do governo e Fundação Nacional do Índio (FUNAI) sempre os procuram para cooptá-los;
- a ingerência e interferência de agências governamentais como a Secretaria de Educação;
- a falta de recursos para produzir materiais mais bonitos e equipar bem as escolas que não são assumidas minimamente pelo governo.

A próxima experiência

Enquanto a experiência de Oiapoque continua desenvolvendo e se aprofundando, já iniciamos uma nova experiência com os Aikewar no Sul do Pará. E um grupo pequeno da família Tupi-Guarani. Estamos ben animados com esta nova experiência com todas as implicações relativas à vida dos Aikewar e também dos outros Tupi, no vale do rio Tocantins.

